

# O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

**ASSIGNATURA**

Braga : mez 100 rs. : trimestre, 300 rs  
Provincias : trim., 330 rs.

Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 3 de Abril de 1893

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua de Santa Margarida  
N.º 66

## Carlos de Lemos

Primeiro, mil agradeceres á redacção d'este brilhante hebdomadario, pela gentileza que fizeram, deixando inserir nas suas columnas alguns artigos, destinados a prestar homenagem a Carlos de Lemos, o eminente Poeta das «Miragens».

Em segundo lugar firmamos um protesto de gratidão a todos os que amavelmente se prestaram a collaborar n'este numero, testemunhando assim a sua admiração pelo querido discipulo de Anthero.

A minha crítica ás «Miragens» está-se publicando n'um jornal d'esta terra a «Correspondencia do Norte» que penhorantemente se prestou a sua publicação.

Podia architectar outro artigo sobre o livro do Carlos.

Mas isso poderia parecer a alguém *reclamo*, coisa de que o livro não precisa, pois elle impõe-se.

Limito-me pois aqui a resumir a parte verdadeiramente critica ás «Miragens, d'aquelle meu estudo, que quarta e sabbado será publicada na integra na supracitada «Correspondencia do Norte».

O livro tem tres partes princippes, comprehendendo a primeira «Antherianas» tres sub-partes que trazem o nome de «Ave'Stella», «Na Arena» e «Depois da Lucta».

A primeira e a terceira parte «*Inania verba*» são colleções unicamente de sonetos.

A 2.ª parte «*Parenthesis*» é formada de diversas composições soltas.

*Antherianas.*

Ahi é o Poeta.

um louco visionario  
cantando um Ideal que nunca vira.

D'aquelles versos surgem a cada passo Amarguras, Tristezas, e são repassados d'um pessimismo contagioso e terrível.

Vê-se que o Desalento acabrunha constante e desapiedadamente o Poeta.

E' um idealista, levantado, embebedado e cheio d'uma religiosidade grande, d'um mysticismo que o meio e a educação lhe sugeriram.

Notem na ultima sub parte o Poeta já se apresenta um pouco afastado do ceu de mysticismo em que o vimos.

Chama «Miragens» aos seus versos e na verdade são-n'os.

Elle phantasia n'essas horas de profundo desalento umas poucas de mulheres que divinisa e em quem espera encontrar algum lenitivo á sua atroz Dór.

Idealizando procura ; e em vez de encontrar o balsamo querido para os seus padeceres, mais motivos encontra para lucto d'Alma.

Fumo, agua.

O Poeta dá-nos a sugestão d'alguém que sem vocação alguma, coagido a seguir a carreira ecclesiastica por uma Mãe velhinha, mystica e cardiaca, se encontra de improviso enterrado no fundo d'uma estreita cella, encerrado n'uma batina quasi tão negra como a sua Alma phytysica sem ter ninguem que o comprehenda e que sentindo a necessidade inadavel de *expandir-se* pega da penna e á luz d'um candieiro pobre traça sobre o papel destinado ás dissertações theologicas cantos os mais intimos que sendo um desafogo, uma confissão, são ao mesmo tempo um grito de revolta contra tudo o que o cerca.

Cantos os mais intimos e os mais sublimes aqui.

Vêde :

Na gondôla de sêda dos teus braços  
Co'a fronte no veludo do teu collo  
Musical, ha de ser mesmo um consolo  
Voar, voar, voar pelos espaços.

Do nectar dos teus labios mais um golo  
Mais forças me daria aos membros lassos  
Se os teus labios não fossem tão escassos  
D'esse nectar que suplice te esmolo

Falla: como os accordes da harpa colia  
E a tua voz: e o aroma da magnolia,  
E' semelhante ao aroma da tua bocca.

Escuta ! Canta um melro na penumbra  
E á luz do teu olhar que me deslumbra,  
Canta a minha Alma jubilosa e louca

\*  
\* \*

Amôr! Sonho d'uma hora, mas tão doce  
Amôr! Clarão do ceu n'esta voragem  
Manã que nos sustenta na passagem  
D'este Deserto... O Amôr! Se eterno fosse

Se eterna nos soprasse esta bafagem  
Se eterno fosse o aroma que nos trouxe  
Ma... Se o amor é um desejo mata-o a posse  
Lá se nos foge a lubrica miragem

Impossivel a chama que alimenta  
Este goso cruel, doce tormento  
Eterno hade aquecer-me os ceios d'Alma

Bem como o oceano quando o beija a lua  
Em um dia emfim mulher em te possua.  
Não morre esta paixão somente acalma.

\*  
\* \*

Mas vêr-te e não te amar é não te vêr  
E eu vi-te aujo do ceu ! Porisso ardente  
Me palpitou no peito de repente  
O coração no arroubo do prazer.

Os passos teus segui anjo, mulher  
Por ti tornei-me religioso e crente  
Por ti calei a dór e dor pungente  
Por ti sagrei a amor todo o seu sér.

E não te posso amar doce conjunto  
Por que Deus a'õ não consente  
Ah! Não, não pode ser: se não pergunto:

Então se é crime ter-te eu amado  
E ainda amar-te assim tão loucamente  
Sem poder mais... o que me ha dado.

E' sublime e similhantemente grande a Hugo no *Chatiments*, quando se apresenta como um luctador gladiando na *Arena* com a desgraça e a corrupção Apostolo convicto do Bem e da Justiça.

Apresenta-nos uma encantadora transição psicologica, quando depois de se ter levantado e bradado furioso contra o Mal e a corrupção Elle se deixa recair no seu somno moral dando-se como consolado com o olhar d'uma mulher que lhe não pode pertencer.

A batina prohibe-lh'o.

Nada mais diremos sobre esta parte attentas as dimensões do jornal.

O estudo desenvolvido e com a apresentação comprovativa do texto, será publicada, na quarta e sabbado, repito, na «Correspondencia do Norte» (Não é *reclamo*).

Do *Parenthesis* nada diremos limitamo-nos a apresentar uma das suas melhoras composições que é a seguinte:

Dizem-me que te ris quando se falla  
N'esta loucura de eu te ter amôr  
Por bem cruel que seja não me abala  
Em teu riso flor

Lastimo-te mais nada. Uma caveira  
Tem como tu um riso alvar, sem fim  
Um doído assim se ri, ri-se a rameira  
Assim te ris de mim.

De ti é que eu não rio era maldade  
Rindo feri quem rindó me não fere  
Se tu nem sabes de que ris, quem hade  
Rir-se de ti mulher.

Ultima parte—*inania verba*. Para nós é a melhor.

N'esta parte o Poeta rompo francamente o ven de mysticismo e pureza que todo o cobria.

O *Seminarista* rasga febricitante a batina e declara-se adversario implacavel do celibato religioso.

O amor que lhe era uma crenga cõga considera-o n'esta parte, como sonho d'uma hora.

O pessimismo que o torturava continua horroroso e repetidos são os desejos. Vou acabar, especialisarei ainda aqui um soneto, cantando que é uma nota solta, vibrante, e d'uma originalidade provada.

Impressionou-nos grandemente e sobre elle chamamos a attenção de quem lêr as *Miragens* do novo Poeta.

Elle feicha este inapreciavel livro com um soneto primoroso:

*Consumatum est:*

O seu ultimo grito, é um grito de desanimo, ultimo brado dilacerante d'um moribundo: nem Alma tenho para fazer uns versos.

A.

## NO CAMPO

*Ao meu am go Paixão Bastos*

Como eu me lembro e sinto ainda agora  
A impressão que hontem, antes do Sol-  
posto  
Os teus labios vermelhos como a aurora  
Me causaram, beijando-me no rosto!...

O calor abrasava. E nós, á sombra  
D'um pinheiral ativo e sussurrante,  
Rolavamos na relva pela alfombra,  
Enlacados n'um gozo embebedante!

No lago azul dos teus olhos maganos  
Boiavam gondolinhas de desejos...  
E tu finhas delirios tão insanos  
Que me mordias ávida de beijos!...

N'essa hora parecia que á nossa altura  
Rythmava idyllios com mais harmonia  
Que as aves que iam-se abrigar da calma  
Por sobre nós, na espessa ramaria...

Até os insectos d'azas frias  
Ruffavam mais lascivos e contentes,  
Ouvindo as aguas que, entre os salguei-  
raes,  
Corriam crystalinas e plangentes...

Teus braços eram flaccidos d'arminho,  
O seio da cor dos rosas d'abril...  
Traças de seda, qual frouxel d'um ninho...  
—Jamais te esquecerei, loira gentil!...

S. Julião do Calendario, 28 | 3 | 93.

M. Gonçalves Cerqueira.

## AO CARLOS DE LEMOS

Admiro o Poeta.

Invejo lhe a alma.

F. Pinheiro.

Sauda-te reverente Carlos de Lemos

Magnificos versos!

Inspiração gigante.

C. B.

O Livro de Carlos de Lemos é uma linda Alvorescencia, bordada de sugestões em que o Poeta photographa a Sua Alma.

Antonio de Vilhena.

## RETALHOS

### IV

(«Miragens» por Carlos de Lemos)

Agora que a Primavera faz rejuvenescer a Natureza, despertando a Vida para o Amor, n'uma pullulação vigorosa e cantante, eu abandono, enfastiado a cidade, que ora tomba escalabrada na desolação devassa dos vicios acanalhados, ora revolve nas entranhas o espirito d'uma Ideia, que retempera de entusiasmo civico as almas dos que luctam...

Aqui n'esta aldeia, d'onde avisto a pouca distancia, a casaria branca de Villa Nova de Famalicão, respiro ar mais sadio, vejo o ceu mais azul, as campinas mais verdejantes, sitios apraziveis que me fazem chorar de saudade, ao recordarem-me o Passado...; em tudo um ambiente mais puro, uma placidez convidativa para espiritos cansados e doentios... e sobre tudo isto a poesia patriarchal das affeições da familia — os sentimentos que menos mentem...

\*

—Entre os livros que eu trouxe na minha mala de estudante para aligeirar com a leitura amena a monotonia d'estas ferias de Paschoa, encontro as *Miragens* de Carlos de Lemos,

Li-as avidamente, ao cahir da tarde, reclinado no flaccido sophá d'uma alfombra de relva macia, á borda d'um tanque ensombrado de fructeiras em flor, na herdade de meus paes, para mim sempre saudosa! Minha irmã mais nova, ainda na idade infantil, brincava ao pé de mim, correndo atraz das borboletas; aos meus pés viera deitar-se o cão da casa, e os insectos brincões, que saltitavam entre a herva, passeavam muito confiadamente pelas folhas do livro, matizando-as com as lindas e variadas côres das suas pequeninas azas, que ruffavam brandamente. Entre os folhedos d'uma sebe proxima, um casal de toutinegras architectava um ninho, gorgeliando maviosamente um idyllio d'amor; e a aragem, que varria os outeiros e as campinas, trazia-me, d'envolta com as fragrancias lyriaes, as cantigas das camponezas rubicundas e cheias de saude, ao mesmo tempo que um gallo cantava ao longe, no fundo da aldeia, como que despedindo-se do sol, que se atufava no glauco oceano, e o rouxirol acordava na selva trinando

uma ballada franca e vibrante como a cotovia nas horas crepusculares...

Foi n'estas condições tão poeticas que eu li a primeira obra d'um poeta dos Novos.

\*

Havia ha pouco em Portugal (e ainda hoje os ha) muitos versificadores sem originalidade, que o publico aturava, e que, em geral, eram ou conselheiros ou amanuenses das diversas repartições do Estado. Os seus versos não tinham energia nem sciencia, e, sobretudo, o que menos tinham era quasi sempre, verdadeira poesia e arte verdadeira.

Contra estas pieguices pascias da litteratura patria insurgiram-se uns reformadores do modo de ser litterario e scientifico em que então se vivia e poetava, tornando a nossa litteratura, mórmente a poesia, mais original e artistica mais humana, em summa. Estes revolucionarios das lettras, as obras d'alguns dos quaes foram a principio recebidas pelo publico coscuvilheiro d'então como actos d'audacia que escandalisam, o que denotava o o valor d'ellas, mudaram e transformaram a corrente das ideias n'um sentido mais evolutivo e mais progressivamente civilizador.

Dentre estes poetas, que vão buscar o oiro de mais fino quilate das suas composições á mina enxotavel das ideias primitivas e tradicionaes que acalentam a alma ingenua do povo, que é o poeta mais artistico e sentimental que eu conheço, destacam-se Theophilo Braga, com a «Visão dos tempos» Anthero de Quental com as «Odes Modernas».

Ultimamente apparece uma pleiada de novos os conselheiros e amanuenses vasavam as suas banalidades, na senda traçada pelos poetas — philosophos que acabo de citar, manifestando, ainda assim, em certo modo, uma nova evolução litteraria mais symbolica.

N'esta pleiade de novos figura já o auctor das «Miragens».

Carlos de Lemos não é um ver-sejador como muitos: é antes um poeta como poucos; é uma alma que canta e quasi sempre tristemente.

O seu auctor predilecto é Anthero de Quental, como evidencia nas suas *Antherianas*.

Quem ler com attenção as «Miragens» vê alli a bella alma d'um poeta ainda na mocidade, cantando o amor, anhelando prazeres infinitos e encontrando decepções e, após, a negra flôr do Tédio.

O poeta vê que este mundo é um engano, snspira então pela Morte; interrogando.

Quando serão, oh! Morte os nossos desposorios?! porque creê que para além do tumulo ha uma

vida melhor, deseja ir beber n'esse seio de perennal Amor. n'essa fonte de Vida, de Luz e de Liberdade, n'esse oceano immenso que se chama Deus; mas logo vem a Dúvida e a Descrença dizer-lhe que depois da Morte só existe o Não—ser, faz então consistir a Felicidade unicamente no Nirvãna, o qual em ultima analyse, é o mesmo que o Nada, é negativo para a Razão mas parece ser affirmativo para o Sentimento.

Então idealisa a Morte, suspira por ella, considerando-a uma transição para a verdadeira Vida, e para a verdadeira Liberdade, que só se gozam no Absoluto, que é o seu Nirvãna idealizado e, por conseguinte, o Nada.

A sua alma indomita, como a de Anthero acha-se sempre em lucta, sempre irrequieta, sempre torturada pelas dôres da imaginação, que são as mais agudas, e que fazem brotar do seu cerebro e do seu coração esses retalhos de alma que se admiram nas bellas paginas das «Miragens».

A leitura das «Miragens», d'esse bello livro de poesia essencialmente subjectiva e emocionada, que nos desperta o interesse e a sympathia para com o seu auctor marcando-lhe d'esde já um logar distincto na fileira dos novos, faz-nos entrevêr a phisionomia de Carlos de Lemos como que nimbada d'essa grandiosidade psychologica, que é peculiar do génio.

Por isso a sua alma soffre: por isso é poeta como poucos: e resplumbra nos seus versos uma gracil elegancia, que provém da simplicidade com que estão escriptos.

Aconselho por conseguinte, aos amadores das bellas letras a aquisição das «Miragens» e saúdo cordalmente Carlos de Lemos pelo apparecimento do seu primeiro livro, emocionante e primoroso.

S. Julião do Calendario, 28 de março de 1893.

M. Gonçalves Cerejeira.

## CARTA

Coimbra 28—3—93

Alberlo

Pede-me V. para dizer qualquer coisa sobre o livro do Carlos a minha critica está feita já no jornal que aqui se publica o «Instituto».

Vou repetir-lhe mais uma vez, o que tantas lhe tenho dito.

Eu acho o livro primoroso e para mim, Carlos de Lemos é um dos primeiros poetas (senão o primeiro) da moderna geração. Poeta e artista.

As *Miragens*, são o meu breviario.

Leí-as todas os dias e de principio

e fim. Sei de côr, quasi todos aquelles versos amigos.

Sou seu irmão e ninguem pode apreciar e afirmar melhor no seu livro a sinceridade d'aquelles versos. E' um santo. Um puro.

Nada mais. Acabo repetindo com V. que a divisa do livro deveriam ser as tres qualidades superiores — sinceridade, naturalidade e simplicidade

De V. etc.

Fausto Guedes Teixeira.

Um primor as *Miragens*.

D'um prazer enorme as horas que passei lendo os esplendidos versos de Carlos de Lemos.

E' um livro—Alma.

Alma negra e phtysica consummida e minada por um desalento horroroso.

Sentimos ao lêr aquelles versos uma sympathia irresistivel pelo auctor.

Alma branca (não ha paradoxo) encantadore e pura enthusiasinou-me fez levantar por um pouco o meu espirito da apathia-leito em que estava deitado.

Associo-me pois com todo enthusiasmo ás saudações sinceras e reverentes dos seus dous maiores amigos e admiradores: Fausto Guedes Teixeira e Alberto Pinheiro.

D. J. de C.

Li as *Miragens* e a impressão que me deixaram no meu espirito foi extraordinariamente agradável. Não tenho o prazer de conhecer o Auctor, pessoalmente, mas liquei-lhe conhecendo a Alma o que talvez seja superior. Um bravo entusiasta e os meus parabens d'Alma a Carlos de Lemos.

J. B.

## AMORES DESDITOSOS

Pobre Rosita; quando contava desonove primaveras, idade das alegrias e dos amores; quando a vida lhe sorria toda cheia de encantos e a sua mão devia fazer a felicidade d'Alberto, uma enfermidade se apodera d'aquella bondosa creatura para lhe roubar a seiva da vida, e prostal-a, como a nortada rija e secca prosta no solo a mimosa e delicada flôr.

Quem a viu um anno antes com aquellas faces cheias e coradas, os olhos vivos como saphiras, os labios macios côr de romã, o seio contomado em formas tão airosas pondo em relevo todas essas bellezas primorosas e inemitaveis, e visse agora o definhamento rápido de suas formas graciosas por uma tísica perniciososa, tinha compaixão da infeliz Rosita.

Desde que a sinistra doença a arrastou ao leito da Dôr, Alberto não abandonou mais a cabeceira da desditosa namorada.

Elle tinha deveres a cumprir, deve-

res que a consciencia impõe aos corações justos.

Assim, impossibilitada pela enfermidade que a inhibia de trabalhar e sem familia n'este mundo, ella morreria á mingua, se Alberto não velasse moite e dia junto do seu leito com fraternal carinho.

Pobre Rosita! Infeliz Alberto!

Uma nuvem lhe ennoitecia o espirito, uma dôr lhe dilacerava o coração e uma esperança se lhe desfazia. E' que Alberto queria dar o nome de esposa a Rosita, mas ella dia a dia mais definhava aos estragos da tísica.

Uma manhã a desditosa Rosita agitava-se n'uma agonia lenta; os seus olhos amortecidos, o seu rosto livido, os seus labios arroxeados e o seu corpo fransino, annunciavam o breve termo da existencia. Alberto ao vel-a assim, sentia-se desfallecer e um suor frio lhe inundava o rosto; aproximou-se trémulo do leito de Rosita; e depois poisou-lhe levemente a cabeça no peito, para escutar o pulsar do coração d'aquelle corpo semi-morto. Ella a custo, entreabriu os olhos que brilharam como a centelha prestes a extinguir-se, levantou-os ao ceu e sem pronunciar uma palavra levou a mão d'Alberto ao coração, como que a dizer:—aqui já não ha vida.

Quando se debatia nos ultimos paroxismos, não soltou um gemido: finava-se tranquilla e serena como as almas bemaventuradas, morria com um sorriso nos labios como as virgens que dormem um sonno de venturas.

O sol penetrava pelas janellas semi-cerradas do quarto de Rosita, indo beijar no ultimo adeus as suas faces macilentas, meia hora depois d'ella soltar o ultimo arranco.

Repousou-a no seu caixão de setim branco, orvalhado de lagrimas, coberto de goivos e lyrios que mão querida alli depositara.

Pobre creatura fransina e anemica que tão cedo rolaste para a sepultura ao sopro gelido da Morte como a lado orvalho que scientilla na corolla da flôr róla no solo ao sopro do vento! Ia ser esposa do tumulto, companheira dos vermes destruidores, aonde só ha silencio e mudez.

Cá, ficava um coração a soffrer as triturações lentas e cruciantes da Dôr, uma alma avassalada pelas amarguras experimentava-as Alberto, sem uma resignação.

Desde que ella morreu, nunca mais teve alegria; desejava irpousar ao lado d'aquella que amava e que ainda lhe revivia no espirito.

Uma vez deante da imagem do Divino Martyr do Golgotha, pedia com as lagrimas a marejar-lhe nos olhos e com o fervor d'um crente, para que lhe a aliviasse as turturas, levando-o para junto de Rosita.

Foi talvez por isso, que o meigo e sublime Jesus compadecido por o in-

feliz Alberto, ouvindo as suas supplicas e orações, mandou que a Morte uma noite invadisse o seu lar, e o levasse para o cemiterio a descansar junto da campa onde dormia aquella que fóra sua namorada.

Viviam n'este mundo um para o outro, para se unirem pelos laços do Amor.

A Fatalidade porém, arrastou Rosita para o mundo desconhecido: d'esde então a maior felicidade de Alberto seria repousar á sombra dos mesmos cyprestes: dormir o somno d'um amor desditoso.

Jesus sempre misericordioso e bom cedeu aos rogos d'Alberto. Hoje repousa ao lado d'aquella a que em vida consagrou seus affectos, dormindo o somno eterno dos bons.

Na sua campa singela tem por epitaphio .

*Aqui jaz uma victima d'amor :  
um coração golpeado pela Dôr.*

Foi sim, a Dôr, que o levou ao tumulo.

P. Bastos.

### O ENGEITADO

Lenta e soturnamente acabam de dar sete horas na torre, da capella d'uma pequena aldeia do Minho. E quasi noite ainda, pois que o inverno estende sobre a terra o seu negro manto. Enormes rollos de acinzentadas nuvens enovelam-se no espaço encobrindo totalmente o firmamento. E o poucos passos de distancia da aldeia correm rapidas e raivosas as aguas do rio\*\*\*, que, precipitando-se rugidoras d'encontro aos rochedos disseminados no seu leito, parecem querel-os arrancar por se opporem á sua carreira impetuosa.

Os miseraveis telhados de colmo das pobrissimas choupanas da aldeia, desaparecem por debaixo do alvinitente lengol de neve; e, aqui e além, destaca-se na meia tinta do alvorecer, a agua gelada d'um charco ou algum campo coberto de geada.

As arvores despojadas de folhagem erguem para o ceu os ramos resequidos, como miseros esqueletos pedindo compaixão! E de espaço a espaço alguma rajada furiosissima fal-as esbracejar em convulsões infernaes, como hediondas megêras nas vascas de horrida agonia!...

E ao longe, muito ao longe, distinguem-se confusamente os vultos sombrios de montanhas, cujos cumes enorme camada de neve branqueia uniformemente.

E tudo deserto!... Nem no ar uma ave, nem na terra um animal!...

\* \* \*

Apenas a ultima badalada das sete horas soára, plangente e lugubre, no espaço, quando a pórtia d'uma das casas de mais miseravel apparencia se

abre silenciosamente; no limiar apparece um vulto, que, depois de lançar para fóra fechando-se em seguida a pórtia tão silenciosamente como se abri- ra. Dados alguns passos o vulto pára e torna examinar os arredores; porém vendo tudo solitario começa a andar rapidamente e em breve lhe ficam para traz as ultimas casas da aldeia.

O vulto é de mulher. Vae envolvida n'uma longa capa e atravessa por barrancos e campos sem seguir o caminho trilhado; de vez em quando olha para traz como temendo ser seguida.

Chegada a um sitio selvagem, cercado de altos pinheiros, tira um embrulho debaixo da capa e depõe-no no chão; depois do que quasi correndo, retoma o caminho da aldeia.

Apenas ella tinha andado alguns passos, quando o silencio foi cortado por um gemido lamentoso e quasi imperceptivel que sahira do embrulho! E a mulher desnaturada que abandonara o entesinho recém-nascido, nem sequer voltou para traz a cara, apas- sadas estugou o passo para mais depressa se afastar do logar onde collocara a infeliz creança!

\* \* \*

E' já dia. O céu vae limpando pouco a pouco, e o vento vae amansando, como tendo compaixão do pobre abandonado, que debalde solta debeis vagidos.

Ninguém o ouve!

Ninguém o ouve!... Ouve-o a Morte, a negra Morte, que se apressa a tiral-o da terra onde elle não seria mais de que grão de areia redemoinhando nas azas gigantes do furacão!

E a sua alma pequenina e pura voou para o céu, d'onde ha bem pouco viera!

E um raio do sol nascente, rompendo as nuvens, veio depôr um beijo d'ouro no rosto emaciado da pobre creança.

Mas ella não trará gravado sobre a fronte livida o estygma infamante e maldicto; **Engeitado.**

Hugo de Freitas.

### A VIRGEM

A João La Cueva de Chabá  
(Conclusão)

Receiosa olhou para o lado d'onde vinha o ruido, mas certificando-se de que se enganara, voltou ao estado apathico em que o seu espirito se havia abysmado, e momentos depois dormia serenamente tendo nos labios o sorriso da innocencia.

Então, depois que Morphen fez pender para o seio a formosa cabeça da virgem, um homem bello como o anjo caído acercou-se d'ella, e começou a inflorar-lhe os sedosos cabellos com boninas do campo.

Quando acorcordou, Laura viu com sobresaito que as aguas do regato retratavam a sua cabeça engrinaldada de flôres; e uma voz tremula de emoção dizia-lhe com trecura ao ouvido n'uma linguagem que ella mal comprehendia: Laura como és linda! Os teus olhos, bellos como este firmamento que nos serve de coberta e mais scintillantes ainda do que as suas estrellas, atravessaram o meu coração deixando n'elle um amar impetuoso que o transformou, n'um vulcão enorme.

Amo-te, Laura, amo-te com todo o ardor da minha alma.

Ella o anjo de pureza e caridade fitou o garboso maneco que tinha ajoelhado aos pés, e deixando-se descair languidamente para os braços d'elle, estonteada por um affecto novo que agora lhe avassalava o coração, murmurou «Amo-te».

E a briosa perfumada levou nas suas azas avelludadas o cicio terno d'um beijo que sellou aquelle pacto d'amor, unindo n'um só os dois corações amantes.

E as flôres da grinalda da virgem estremeeceram e murecharam como se as tivesse bafejado um sopro maldito.

Tres mezes depois celebrava-se no pequeno templo da aldeia, o casamento de Laura e Alberto que ajoelhados aos pé de Deus, receberam do velho parcho a benção nupcial que os unia eternamente pelos laços indissoluveis da Igreja e do Amor.

#### Decifrações do n.º anterior

Do logogripho

Bastuço

Das charadas novissimas

Camello pardal—Condecoração  
—Pachá—Odmira.

Por descuido não sahiram no numero antecedente as decifrações dos logogriphos e enygmas do numero 2. D'essa falta involuntaria pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes e damos em seguida as decifrações que são:

Do primeiro logogripho

Mastodonte

Do segundo

Nabuchodonosor

Do enygma

Latino Coelho, Elias Garcia,  
José Falcão.

O decifrador d'este ultimo foi o senhor José Baptista da Silva.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel  
Manoel Antonio de Paiva